

A RAZÃO DIALÉTICA: O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO DA PRÁXIS EM KARL MARX E JEAN PAUL SARTRE*

THE DIALECTICAL REASON: THE PROBLEM OF REPRESENTATION OF PRACTICE IN KARL MARX AND JEAN PAUL SARTRE

Paulo Roberto de Oliveira**

Resumo

O objetivo do texto é mostrar os problemas da razão dialética. Essa problemática foi colocada de maneira incisiva por Hegel. No seu sistema filosófico denominado idealismo, Hegel sobrepõe o ideal no real, tornando o movimento dialético um movimento do espírito. Na filosofia do filósofo Marx a dialética se dá a partir do materialismo histórico e dialético, não mais pelo espírito absoluto. No existencialismo, sobretudo em Sartre, a dialética é criticada, apesar de Sartre aceitar o materialismo histórico. Porém, pela própria concepção que o existencialismo possui da história, fica impossível pensar um fim último para a vida humana. Sobre essas perspectivas, iremos abordar o tema da dialética, perpassando pelos conceitos da filosofia marxista e sartriana principalmente.

Palavras-Chave: Dialética, História, Práxis.

*Artigo enviado em 17/10/2011 e aceito para publicação em 24/10/2011.

**Aluno e Pesquisador do programa de pós-graduação/Mestrado em filosofia na área de ética da FAJE, bolsista da CAPES. E-mail: vocacionadopaulo@yahoo.com.br

Abstract

The purpose of the text is to show the problems of Dialectical Reason. This issue was put incisively by Hegel. In his philosophical system called Idealism, Hegel, overlaps the ideal into reality, making the dialectical movement, a movement of the spirit. In the philosophy of the philosopher Marx the dialectic starts from the historical and dialectical materialism, no longer the absolute spirit. In existentialism, especially in Sartre, dialectic is criticized, although Sartre accepts historical materialism. However, the very conception that existentialism has about the history, it is impossible to think an ultimate end to human life. About these perspectives, we will address the theme of the dialectic, passing by the concepts of Marxist philosophy and especially Sartre.

Keywords: Dialectic, History, Praxis.

INTRODUÇÃO

A filosofia de Marx quer, a todo o momento, impor o real ao ideal; em outras palavras, criticar o idealismo de Hegel, pois, a filosofia hegeliana pretende ser a filosofia da Ideia que está para além de qualquer representação da práxis. Para Marx a práxis é a fonte de tudo. A concepção do trabalho humano como superação da necessidade leva-o a introduzir certo tipo de inteligibilidade prática criando o socialismo científico.

Marx está vislumbrando com essa ciência social a dialética histórica e natural da sociedade. Veremos que a história humana é marcada pela socialização do trabalho. Do indivíduo ao grupo social e do grupo social à história. No marxismo essa representação da práxis no processo da razão dialética ganha vida e se totaliza no socialismo.

Contudo, na segunda parte desse artigo perceberemos o conflito epistemológico entre a dialética histórica e a dialética natural. A dialética é apenas uma lei da história ou é também uma lei da natureza? A dialética é lei da história em virtude mesmo de que a história é dialética. E articulada na tensão homem-mundo, a história ao mesmo tempo é movimento de revelação do ser do homem e de revelação do significado do mundo. Esse intercâmbio mostra-nos a história como consequência da ação reveladora do homem, seu móvel ativo e passivo. Com isso será possível separar história e natureza? Em Marx veremos que não; esse

dualismo parece ser arcaico em nosso tempo. Mas, se afirmarmos a dialética natural, qual é, pois o lugar da liberdade humana? Na *Crítica da Razão Dialética* Sartre recusa a dialética da natureza enquanto não está articulada dialeticamente com a história.

1. A PRÁXIS

1.1 Ideologia e Pragmatismo

Em Marx encontramos dois conceitos da tradição filosófica que são esclarecidos pelo próprio Marx: Razão e História. Dois conceitos que se devem articular na problemática ética, social e política. A questão é de que formas estes conceitos se articulam. Antes do marxismo, o hegelianismo é a filosofia predominante na Alemanha, o idealismo é uma espécie de absolutização do espírito na história. Porém, em Hegel a história nasce da razão de forma dialética: negação da negação.

Para Marx, porém, é a razão que se origina da história, o homem como ser histórico abstrai conscientemente da história, da práxis humana, a dialética em que estão inseridos. O idealismo alemão é a filosofia na qual o jovem Marx está inserido, e o conceito de dialética é antes de tudo um conceito hegeliano. Todavia, o marxismo se coloca como sendo a antítese do conteúdo dialético idealista:

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo do pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma um sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem¹.

Podemos perceber que em Marx permanece apenas a forma da dialética idealista de Hegel, mas o conteúdo é outro. Para Marx o conteúdo dialético não é nada mais que a práxis humana. Essa práxis dá início ao curso da história, como diz Lima Vaz:

¹ MARX, Karl. *O Capital: Posfácio da Segunda Edição*. Coleção: Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 140.

Assim, ao fazer do “processo” dialético uma emergência do conteúdo natural do mundo no momento em que a negatividade da práxis humana dá lugar ao curso irreversível da história, Marx se vê diante de um imperativo lógico indeclinável²

Porém a dialética marxista, tendo um conteúdo material, terá uma mediação indefinida para alcançar o seu fim que é o comunismo, como fim da negação da negação; onde teremos a humanização total da natureza; a plena liberdade sobre a necessidade. Marx vê o processo econômico como sendo a representação da práxis humana, o surgimento da indústria é um processo bem avançado dessa práxis. Mas, como veremos a indústria requer uma superação, superar a luta de classes, para que o “paraíso” humano seja realizado.

O pragmatismo instaurado por Marx modifica o sentido da filosofia de então. A famosa tese 11 sobre Feuerbach nos diz que os filósofos simplesmente interpretaram, até então, o mundo de maneiras diferentes; e que se trata agora de transformá-lo. Marx também diz que Feuerbach nada mais fez que materializar a filosofia, porém a filosofia necessita de uma revolução prática. É como se Feuerbach tivesse tirado as flores dos grilhões que acorrentam os homens e agora cabe ao socialismo tirar as correntes.

A ideia (razão) sem a práxis para Marx conduz à alienação e à subjetivação do homem, que vive individualmente, não havendo socialização. No texto a seguir, poderemos perceber a grande importância que teve o idealismo hegeliano para a estruturação do marxismo, vemos também que a partir das contradições do próprio sistema hegeliano, Marx introduz a sua filosofia histórica:

Em sua forma mistificada, a dialética foi moda alemã porque ela parecia tornar sublime o existente. Em sua configuração racional, é um incômodo e um horror para a burguesia e para seus porta-vozes doutrinários, porque no entendimento positivo do existente, ela inclui ao mesmo tempo o entendimento da sua negação, da sua desaparecimento inevitável; porque apreende cada forma existente no fluxo do movimento, portanto também com seu lado transitório; porque não se deixa impressionar por nada e é, em sua essência, crítica e revolucionária³.

Com isso não podemos pré-conceituar Marx como tendo em seu bojo um materialismo radical que em suas deformações conceituais se

² VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia VI: Ontologia e História*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 125.

³ MARX, Karl. *O Capital: Posfácio da Segunda Edição*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 141.

torna cego. A razão deve apreender no fluxo do movimento histórico a representação da dialética e a partir daí criticar e se necessário revolucionar a matéria pela matéria através do pensamento.

1.2 *Surgimento do Socialismo Científico*

Marx, ao reformular a dialética hegeliana, não funda o socialismo sem rigor lógico. Mas em suas obras se percebe a cientificidade de sua doutrina.

O marxismo considera a distinção entre consciência e ser consciente. No primeiro, a consciência predomina diante da vida, é a ideia. No segundo, é a vida que determina a consciência, o ser consciente da existência, do viver. Colocando a vida vivida em primeiro plano o homem é demiurgo de si mesmo, e é também demiurgo da natureza, não enquanto espírito, mas, enquanto capacidade de trabalho. O trabalho é a relação do homem com a natureza, dominando-a para sua sobrevivência. A natureza quando sofre transformações por meio do trabalho, transforma-se em sociedade. A sociedade é, portanto, a unidade essencial entre homem e natureza. Como resultado disso, o homem objetiva-se em uma relação dialética com a natureza. A industrialização é a prova real dessa relação:

A indústria é a real relação histórica da natureza e, portanto, da ciência natural, com o homem. (...) A natureza que nasce na história humana, no ato de nascimento da sociedade humana é a natureza real do homem, e, portanto, a natureza que é transformada pela indústria ainda que em forma alienada é a verdadeira natureza antropológica⁴.

A história para Marx é a humanização da natureza, que só será completa quando o homem superar a dialética industrial. Essa dialética se dá quando o homem pela práxis individual supera a natureza, mas permanecem algumas necessidades a serem superadas. Pois, com o processo industrial ou, um pouco antes, com o início da divisão de trabalho nas manufaturas, a propriedade privada e, como consequência disso, a alienação, pela qual o homem não se identifica com o produto do seu trabalho, é, pois, um trabalho alienado.

É necessário que essa alienação seja suprimida. Nela o homem realiza o outro homem e se torna um ser-para-o-outro.

Todavia essa saída de si mesmo não é tão fácil assim. A representação econômica moderna sob a forma do fetichismo encantou

⁴ MARX, Karl. *Manuscrito econômico filosófico de 1844*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores. 1980, p. 265.

os homens. Os economistas modernos estipulam leis para essa “ciência” nascente, sendo para eles leis eternas e imutáveis que perpassa a história da vida econômica. Marx não está de acordo com essa ideia. Para ele a lei econômica varia de tempos em tempos e é formulada a partir das relações econômicas e não o contrário.

Portanto, a ideia de instaurar o socialismo científico, justifica-se em estudar a economia, história e sociedade a partir do materialismo histórico dialético, a ciência socialista tem como fim a revolução social. Contudo essa revolução deve partir de uma teoria, não simplesmente da matéria por ela mesma.

1.3 O problema da práxis individual

Como vimos anteriormente, a saída da práxis individual para ir ao encontro do socialismo não é tão simples como Marx gostaria que fosse. Faremos uma análise da práxis individual a partir também de Jean Paul Sartre; partindo de sua concepção existencialista. Vimos que o materialismo dialético tem a pretensão da totalização, a história teria para Marx um ápice, uma teleologia, na qual a sociedade seria plenificada. Todavia, Sartre coloca uma questão importante: “Se existem indivíduos, quem totaliza? Ou o que se totaliza?”

De imediato Sartre tenta responder a essas indagações, mas, há aqui um início da problemática dialética, pois, para Sartre só há totalização se o indivíduo for totalizante. Não é a história que se totaliza, mas é primeiramente o homem na sua práxis individual. Diz Sartre:

A resposta imediata, mas insuficiente, é que nem sequer haveria um esboço de totalização parcial se o indivíduo não fosse por si mesmo totalizante. Toda a dialética histórica baseia-se na práxis individual enquanto esta já é dialética, isto é, na medida em que a ação é por si mesma superação negadora de uma contradição, determinação de uma totalização presente em nome de uma totalidade futura, trabalho real e eficaz da matéria⁵.

Depois Sartre indaga sobre o conceito de dialética, pois, em Marx, apareceu uma dialética histórica totalizante. Porém, se existem apenas seres individuais, como essa dialética é possível? Então, podemos dizer que só iremos encontrar a racionalidade da dialética a partir da experiência da práxis individual, pela qual cada indivíduo tem uma

⁵ SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002, p. 195.

dialética interna que se faz também externa em uma relação: passado, presente e futuro.

A primeira experiência do indivíduo dialético é a necessidade, percebe-se que a necessidade já é anunciada por Marx. É na necessidade que encontramos a negação da negação interna individual do organismo, sendo também uma primeira forma de totalização. A totalização da sede ou a negação dela é beber água. A necessidade nesse caso, afirma Sartre é falta e positividade. É falta no sentido orgânico e positividade como ato de conservação do ser humano. A falta como negatividade nos leva á buscar uma totalidade que é pura positividade. Essa totalidade é também a saída do ser orgânico (corpo) para um ser inorgânico (ar). Mas é a partir da ideia de totalidade que todas essas funções são realizadas.

Dessa ideia Sartre retira a ordem dialética que se dá com a relação entre função orgânica, necessidade e práxis. A função orgânica é inerte e produz a necessidade, essa é suprimida pela práxis, a práxis é nesse caso sempre dinâmica e criadora. Com isso o movimento dialético se dá pelo trabalho.

Segundo Sartre a dialética histórica se dá pela práxis individual, que é material e que só pode ser constatada pela experiência, a resposta á pergunta : quem totaliza ou o que é totalizado é respondida por Sartre: é a necessidade e a práxis individual. As relações humanas não são como em Marx uma lei histórica, mas são apenas medições entre diferentes setores da materialidade. Inclusive, Sartre diz que em certas sociedades a solidão é a cultura local, o trabalho sozinho:

Mas sua própria solidão é uma designação histórica e social: em determinada sociedade, em certo grau de desenvolvimento tecnológico, um camponês trabalha, em certos momentos do ano, em completa solidão que se torna um modo social de divisão do trabalho. E sua operação – isto é, a maneira de produzir-se — condiciona não só a plena satisfação da necessidade, mas a própria necessidade⁶.

As relações humanas suprimem as necessidades. Essas relações são internas e externas. Internamente o indivíduo recebe a condição histórica social a qual pertence e no seu exterior há uma sociedade já formada com suas leis e regras. Essa ideia Marx já havia anunciado, o homem faz a história e a história faz o homem: "isso quer dizer que as relações entre os homens são, a cada instante consequência dialética de sua atividade na medida em que elas se estabelecem como superação de relações humanas recebidas e institucionalizadas. O homem só existe para o

⁶ IBID. p. 209.

homem em determinadas circunstâncias e condições sociais, portanto, toda relação humana é histórica”⁷.

Sartre não diz em que momento histórico o homem se tornou um ser social, mas a própria práxis individual levou o homem a ser um prático inerte, um sujeito alienado. Uma pluralidade de atividades levou o homem a ser um sujeito histórico e social, e uma dessas atividades é a linguagem. A economia é representada pela linguagem. É por esse meio que a práxis pode ser representada através de uma forma dialética.

2. DIALÉTICA HISTÓRICA E DIALÉTICA DA NATUREZA

Ao expor o problema da práxis, vimos sem mais a influência da história sobre o indivíduo. O marxismo tornou a dialética histórica uma dialética da natureza, tentando colocar um fim para a atividade humana.

A finalidade da atividade humana tem por objetivo a liberdade, quanto mais livres somos, menos necessidade teremos. Para Marx, assim também como para Sartre, o homem se reconhece na história. Falávamos sobre isso quando tentamos explicar o funcionamento da práxis individual. A dialética em Sartre se configura como a passagem do indivíduo para a história; porém, as mediações são truncadas e difíceis de seres transpostas.

Vejamos:

- 1) Da prática individual ao prático inerte.
- 2) Do grupo à história.

A dialética para estes autores seria a totalização da práxis humana. O homem concreto estudado pelo marxismo e pelo existencialismo é um ser faltante, pois, não há essência e nem ideia que o possa determinar, a meta humana é buscar o que lhe falta, a totalidade da constituição enquanto ser no mundo.

Marx vê em seu tempo uma barreira a ser superada: o capitalismo individualista, ele não nega a economia como forma de vida, de um modo determinado de exteriorização da vida social humana, para se chegar a essa totalização que é o reino da total liberdade. Porém, o trabalho que é o meio para se conseguir esta teleologia está alienado.

⁷ IBID. p. 211.

2.1 A representação dialética do trabalho

Como já vimos, o trabalho é o meio pelo qual o homem supre todas as suas necessidades. Porém, no sistema capitalista a força de trabalho é apenas um meio para se obter valor, e se constitui como capital variável que ao mesmo tempo gera valor e transfere valor. O objeto produzido recebe esse valor fornecido pelo trabalho e tem esse valor multiplicado enquanto o trabalhador recebe apenas o que ele gerou como valor da sua força de trabalho, dele abstraída e transformada em mercadoria: "Se, no entanto, o mesmo trabalhador mudar de profissão e se tornar marceneiro, agregará, depois como antes, valor a seu material mediante uma jornada de trabalho"⁸.

Vemos nessa citação de Marx a total alienação do trabalho. O trabalhador (sua força de trabalho) se torna objeto do seu patrão e de sua mercadoria produzida. Não importa a profissão que o proletário tenha, o que importa para o capitalista é que ele conserve e produza valor. O trabalhador no seu trabalho exerce um dom natural da práxis, mas o ganho é do capitalista: "É portanto um dom natural da força de trabalho em ação, do trabalho vivo, conservar valor ao agregar valor, um dom natural que nada custa ao trabalhador mas que rende muito ao capitalista, a conservação preexistente do capital"⁹.

Nesse caso o trabalho se torna produto, mercadoria; pois produz mais-valia, pois o capitalista está preocupado é em produzir valor: "Segue-se daqui que o aumento na produtividade do trabalho reduz o valor da força de trabalho e com isso aumenta a mais-valia, enquanto, ao contrário, a diminuição da produtividade eleva o valor da força de trabalho e reduz a mais valia"¹⁰.

Portanto, para o sistema capitalista o trabalhador não tem tempo livre, porque a todo momento o sistema precisa produzir valor, em um ciclo sem fim que começa com o dinheiro e termina com o dinheiro.

O trabalho que era fonte de produção intersubjetiva se torna objetivado no sistema capitalista, tudo é mediado pelo dinheiro, ele é o princípio e o fim de tudo. O dinheiro tem o poder de estabelecer as relações interpessoais através da troca de mercadorias.

⁸ MARX, Karl. *O Capital: Capítulo VI*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 318.

⁹ IBID, p. 323.

¹⁰ IBID, p. 149.

Porém, para Marx a relação humana se dá entre sujeito e sujeito, o reconhecimento do outro como pessoa, não como objeto que produz valor ou é valor. O ápice da dialética se dá quando o homem exerce a resistência quando se trata de uma relação objetiva. Somos o sujeito da realidade e não sujeitos a ela.

Nesse caso, a práxis não é estanque, mas dinâmica, atravessa toda a vida social do sujeito livre e se reconhece nele. Essa práxis direciona a relação entre o eu e o não eu, esse não-eu como um outro eu vai ter que encontrar um caminho para se afirmar como *nós*. Só me é possível acolher o outro na medida em que for ele também afirmado, senão acontece a coisificação do outro. Porém nessa relação com o outro não posso deixar que ele se torne um objeto para suprir as minhas necessidades. Sartre já apontava para isso, quando ele afirmava que a relação com o outro é sempre conflitante, pois o outro tende a determinar-me como objeto pelo simples olhar dele. Contudo, no humanismo, o homem não pode querer a sua liberdade sem pretender a liberdade do outro.

Nesse sentido a economia nada mais é que a práxis, a oposição entre o mundo dos homens e o mundo das coisas. Na práxis o mundo das coisas se submete ao mundo dos homens, temos aqui um certo modelo de vivência social. Na vivência social não deve haver luta de classes, não faz sentido os homens lutarem entre si; pois se assim fosse vã seria a dialética. A luta do homem deve ser com a natureza, buscando sempre um *ethos*.

A sociedade moderna, porém, valoriza o indivíduo, o ter e a propriedade. A economia capitalista é tida como ordem natural, um poder que aliena todos os sujeitos. Todavia, para Marx a economia é representação da práxis, da organização social. Sendo assim, no sistema capitalista a organização social é alienada, pois, a propriedade privada é fundada ao oposto da vida social.

Diante disso temos que buscar a totalização, para tanto é necessário uma revolução. Porém, Marx pondera que não se muda o sistema capitalista em um golpe. O mundo prático não pode ser forçado, é desastroso. Esse foi o erro do marxismo, no qual veremos agora.

2.2 *Marxismo e Existencialismo*

Estamos fazendo uma análise da práxis em seu movimento dialético como sistema de representação. Marx coloca a práxis como ela

é: material e concreta. O existencialismo surge em meio a essa filosofia marxista. As influências do marxismo na filosofia existencialista são muito fortes. Sartre aceita a práxis concreta do homem, e a filosofia se constituiria como sendo a ciência que dá expressão ao movimento geral da sociedade, dá sentido à experiência vivida de um grupo que faz parte de uma história e está em uma determinada sociedade. Por isso a filosofia faz com que a classe ascendente tome consciência de si¹¹.

Sendo assim, a filosofia busca a totalização do saber, a unidade filosófica, nascida do movimento social ela própria é movimento e age sobre o futuro.

Portanto, para Sartre a filosofia é prática. O movimento da filosofia segundo ele é raro, uma filosofia que constitua um método de investigação social e o aplique às massas populares¹². Segundo ele somente três filosofias foram reconhecidas na modernidade contendo essas características: Descartes e Locke, Kant e Hegel, Marx.

O hegelianismo é a mais ampla totalização da filosofia:

A mais ampla totalização filosófica é o hegelianismo. É nele que o saber é elevado à sua dignidade mais eminente: ele não se limita a visar o ser de fora, mas o incorpora a si e o dissolve em si mesmo: o espírito se objetiva, se aliena e se retoma incessantemente, se realiza através de sua própria história¹³.

Duas correntes filosóficas foram contra o idealismo de Hegel. A primeira é o existencialismo de Kierkegaard. Segundo ele o sofrimento não pode ser superado por ideias como queria Hegel, pois Deus não é objetivado, porque é transcendente; mas, ele é subjetivado pela fé, sendo assim, a vida vivida escapa ao conhecimento. A existência kierkegaardiana é o trabalho de nossa vida interior. Há uma cisão entre o real e o saber. Esse é um problema moderno quando Leibniz tenta justificar o mal por uma teoria, contudo, a vida vivida é diferente. Não é através de ideias que as coisas mudam. Mas é através da práxis. Diz Marx:

¹¹ Cf. SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002, p. 15.

¹² É interessante observarmos que Sartre começou a falar sobre filosofia prática, depois das críticas feitas à sua obra *O ser e o nada*, obra de cunho metafísico e que, de certa maneira, valorizava o individualismo.

¹³ IBID, p. 22.

Na produção social de sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau de determinado desenvolvimento de suas forças produtivas materiais; o conjunto dessas relações de produção constitui a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e á qual correspondem determinadas formas de consciência social¹⁴.

Para sair da alienação é necessário a consciência de si mesmo: o trabalho material e a prática revolucionária. Marx ainda escreve: “do mesmo modo que não se julga um indivíduo a partir da ideia que tem de si mesmo, assim também não se pode julgar uma época de agitação revolucionária a partir de sua consciência de si¹⁵.”

O centro da pesquisa para Marx e Sartre é o homem como ele é, aquele ser que tenta superar as suas necessidades:

É o homem concreto que ele coloca no centro de suas pesquisas, esse homem que se define, a uma só vez, por suas necessidades, pelas condições materiais de sua existência e pela natureza de seu trabalho, isto é, de sua luta contra as coisas e contra os homens¹⁶.

O materialismo dialético de Marx rompe com Hegel, afirmando o homem concreto em sua realidade objetiva. No plano ético, Kierkegaard afirmava que toda vitória é suspeita, pois, desvia o homem de si; Marx não aceita esse tipo de existencialismo.

Para Sartre a única maneira de o homem se afirmar na história é tendo consciência dela. Foi isto que o marxismo fez: encontrou a dialética histórica como dialética da natureza e propôs uma revolução. Por isso tudo é que Sartre considera o marxismo como sendo a filosofia do século. Sendo assim, Sartre pergunta: “Por que portanto o existencialismo não se dissolveu no marxismo?”¹⁷ ou seja, se ambas as filosofias firmam a concretude do homem, por que então que o existencialismo e o marxismo são heterogêneos?

Sartre analisa o marxismo pós Marx. Marx afirmava o socialismo como a totalização do *ethos* humano; a afirmação do reino da liberdade, a síntese dialética da história. Mas uma história material. A burguesia diante do marxismo que separa ideia e matéria encontra uma terceira via. E o marxismo se totalizou. Sartre vê isso claramente em Lucaks, pois Lucaks afirma que o materialismo histórico de Marx explica a

¹⁴ Apud SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002, p. 25.

¹⁵ IBID, p. 25.

¹⁶ SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002, p. 27.

¹⁷ IBID, p. 29.

história como totalização e o existencialismo explica somente a realidade humana, ficando apenas em uma explicação.

Porém, para Sartre o marxismo de certo modo deixou o povo na mão, pois, ficou parado. Ao fazer a revolução os marxistas separaram a teoria da práxis: transformaram a práxis em um empirismo sem princípios e a teoria em um saber puro e cristalizado.

As consequências disso são trágicas para Sartre. Ao pretender ser prático o marxismo se perdeu, pois o estado e a economia precisam de leis para a segurança, princípios norteadores. Sendo assim temos um devir total, grupos separados com ideias diferentes. A consequência disso foi a criação do partido comunista que coloca sobre a práxis um saber puro e cristalizado, baseado nas seis leis encontradas no Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels. A ideia agora é submeter todos os homens à um controle estatal *a priori*, sobre ideias absolutizadas.

Faltou pois, ao marxismo refletir sobre as ideias pré-concebidas, olhando realmente a realidade humana. Em outra parte de seu livro *Questões de Método*, Sartre fala sobre as disciplinas auxiliares que faltaram ao marxismo para que este pudesse ser um partido libertador: a sociologia e a psicologia. Ou seja, o esclarecimento do homem e da sociedade, suas histórias, tradições, o modo de cada um ser no mundo e ver o mundo. Sobre isso Sartre cita o exemplo de Flaubert, o qual nasceu em um território capitalista e não tinha consciência de sua alienação. Mas, será que mesmo consciente disso Flaubert teria vontade de mudar o mundo? O marxismo tentou sair do idealismo, mas acabou voltando a ele: "O marxismo, enquanto interpretação do homem e da História, devia necessariamente refletir as opiniões preconcebidas do planejamento: essa imagem fixa do idealismo e da violência exerceu sobre os fatos uma violência idealista"¹⁸.

Esse processo do marxismo levou a uma fetichização do marxismo; o marxista abordava o processo histórico com esquemas universalizados e totalizantes. O marxismo como saber eterno: liquidar a particularidade.

Porém, Sartre acredita que o marxismo é ainda uma filosofia jovem. O marxismo de Marx não é o marxismo opressor; porém Marx tentou abordar o comunismo como totalização do saber e da práxis.

O centro da dialética é quando conhecemos o interior do homem e o seu devir, uma totalização que se totaliza incessantemente. Eis como

¹⁸ IBID, p. 31.

consiste o materialismo de Marx a partir da dialética: "O modo de produção da vida material domina, em geral, o desenvolvimento da vida social, política e intelectual"¹⁹, e não podemos conceber esse condicionamento a não ser sob a forma de um movimento dialético (contradições, superações, totalização").

2.3 História e Natureza

A práxis individual nos levou à práxis inerte, e esta nos levou à história e a uma tentativa de totalização dialética histórico-natural com o marxismo. Nos escritos econômicos de Marx percebe-se uma tentativa de mostrar a práxis humana, bem como as suas contradições representacionais. Para Marx a práxis é representada pela razão dialética, pois o homem é um ser histórico e consequentemente dialético. Marx também encontra uma dialética na natureza, essa dialética é teleológica; nessa dialética a natureza e o homem são suprimidos pela vida social, portanto, o fim da razão dialética marxista é ético.

Porém o existencialismo que quer se apresentar como sendo a filosofia que consegue apreender a realidade humana é contra qualquer forma de absolutização e determinação da natureza. Sartre coloca a questão dizendo:

Tratas-se de colocar, no fundo, o problema sob um plano crítico e epistemológico; teremos direito de falar hoje, nas circunstâncias presentes, de uma dialética da natureza, como temos o direito de falar de uma dialética da história?²⁰.

A história é inteligível, encontramos nela uma realidade dialética, mas isso só é possível através do conhecimento da história como totalidade. O conhecimento desenvolveu-se dialeticamente na realidade que é dialética e sobre condições históricas que são regidas também por uma dialética: "qualquer assunto de que a dialética trata gera sempre em torno do problema: o conhecimento da totalidade do fenômeno histórico"²¹. Nesse caso o homem apreende (ou tenta apreender) o todo e vê que faz parte desse todo. Podemos dizer que a dialética histórica é inteligível.

Segundo Sartre, desde Hegel há uma tentativa de transpor a dialética histórica à natureza, Hegel não conseguiu, pois, sua filosofia

¹⁹ IBID, p. 20.

²⁰ IBID, p. 25.

²¹ Cf. Ibid.

ainda é a do kantismo e a natureza pertencia ao sistema da lógica, por isso que Hegel conseguiu apenas uma dialética do espírito na história. Marx é que consegue de certa maneira fazer isso e cria o materialismo dialético, a síntese da natureza, impondo leis à dialética natural, porém, a dialética impõe leis não demarcadas, mas conhecidas no momento certo. Sartre afirma que a causa de tentar fazer uma dialética da natureza se dá pelo princípio epistemológico da verdade do saber.

Sobre isso Sartre coloca dois pontos:

1º) A dialética da natureza significa que os processos naturais são por princípios dialéticos e, quaisquer que eles sejam, o homem está prolongado na natureza e a dialética de sua história é ela mesma condicionada pelos fatos naturais.

Nesse caso, o tão sonhado sonho de Marx de colocar a liberdade sobre a necessidade fica congelado. A ordem da natureza é a necessidade. Por isso que o socialismo científico se absolutizou e determinou toda a existência humana. O homem é determinado por essa síntese dialética natural. Sartre nunca conseguiu compreender em Marx a ideia de afirmação do homem na história, se ele mesmo diz sobre o condicionamento social pelo materialismo dialético.

2º) É a afirmação da dialética histórica produzida pelo homem e a não inteligibilidade da dialética da natureza. Diz Sartre:

Pode-se, de resto, dizer que, de um modo geral, existe uma verdadeira dialética no nível humano que possui sua plena inteligibilidade e, bem entendido, se determina em função de um meio natural conhecido, mas que não tem nenhuma necessidade por ela mesma de afirmar a dialética da natureza²².

Portanto, segundo Sartre, se existe a dialética natural nós não podemos conhecê-la. Somente Deus, um ser que criou a natureza e, portanto, a determinou, poderia conhecer o seu movimento dialético. A nossa razão fica somente no plano do ser humano que tenta totalizar o seu ser em busca da plenitude.

²² IBID, p. 30.

CONCLUSÃO

Entre os problemas éticos que encontramos estão a superação da natureza e a construção da humanidade por um humanismo autenticamente válido. O problema que vimos é encontrar essa totalização da natureza, como fazemos com a história. Se a ciência naturalmente se faz permanentemente e se seus modelos são sempre provisórios, como é que a filosofia poderá encontrar a dialética da natureza? Uma coisa é representá-la, outra é fazer com que essa representação seja fiel à realidade e que essa realidade pudesse ter um fim último.

O que é dialética? Os sistemas complexos de Hegel e Marx não viram a dialética como uma simples forma de exteriorização humana. São estruturas parciais das totalidades em exterioridade.

A história não é ciência rainha, mas podemos conhecer a dialética pela história concreta dos homens. Marx descobriu que essa história é feita na base das circunstâncias anteriores; mas, pensou em absolutizar a história.

Para Sartre dizer de um homem o que ele é significa dizer o que ele pode, e reciprocamente as condições materiais de sua existência circunscrevem o campo de suas possibilidades, de modo que o campo possível é o objetivo em direção ao qual o agente ultrapassa sua situação objetiva. E esse campo, por sua vez, depende da sua realidade social e histórica.

Sendo assim Sartre rejeita o materialismo dialético, mas aceita o materialismo histórico: o modo de produção da vida material domina em geral o desenvolvimento da vida social, política e intelectual.

Para Sartre o marxismo não é de modo nenhum o materialismo dialético, se com este se entende a ilusão metafísica de descobrir uma dialética da natureza. Essa dialética pode até existir, mas não temos a mínima prova disso.

São três leis da dialética: natureza, história e pensamento. Essas leis reduzem o homem a simples instrumento passivo da grande máquina dialética, incapaz de se subtrair do mais rígido determinismo.

Diz Marx: "De fato esse reino da liberdade começa apenas onde cessa o trabalho imposto pela necessidade e pela finalidade exterior;

mas esse momento encontra-se, portanto, para além da esfera material propriamente dita²³.

Sobre isso Sartre afirma:

Logo que existir, *para todos*, uma margem de liberdade real para além da produção da vida, o marxismo desaparecerá; eu lugar será ocupado por uma filosofia da liberdade. Mas estamos desprovidos de qualquer meio, de qualquer instrumento intelectual ou de qualquer experiência concreta que nos permita conceber essa liberdade ou essa filosofia²⁴.

Referências Bibliográficas

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARX, Karl. *O Capital*. Coleção: Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MARX, Karl. *Manuscrito econômico filosófico de 1844*. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores. 1980.

MARX E ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LPM, 2006.

PORTELLA, Eduardo. *Controvérsia sobre a dialética: Marxismo e Existencialismo*. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 1966.

SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002.

SARTRE, Jean Paul. *Questões de Método*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia VI: Ontologia e História*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

²³MARX, Karl. *O Capital: Capítulo III*. Coleção: Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 873.

²⁴SARTRE, Jean Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2002, p. 39.